

# O VALOR ERÓTICO E ONTOLÓGICO DA MULHER AMADA NA POESIA DE LINHARES FILHO

*Anderson Ibsen Lopes de Souza*

## **Introdução**

Nascido em Lavras da Mangabeira no dia 28 de fevereiro de 1939, José Linhares Filho teve uma vida acadêmica dedicada à literatura: graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará, fez mestrado em Literatura Portuguesa e Doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi docente vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da UFC e professor visitante na Universidade de Colônia e na Universidade Técnica de Aachen, ambas na Alemanha. Professor, poeta e ensaísta, Linhares Filho pertenceu ao Grupo SIN de literatura e participa da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de número 30. Faz parte de inúmeras entidades culturais, tais como: da Associação Internacional de Lusitanistas, da Associação Brasileira de Literatura Comparada, da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Lavrense de Letras (de que é presidente de honra) e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

A poesia de Linhares Filho tem como uma de suas principais características a análise da condição humana, realizada por intermédio de questionamentos e entendimentos sobre sua existencialidade, o que a aproxima das reflexões ontológicas heideggerianas sobre o *Dasein* (conf.: HEIDEGGER, 2004), enfrentando a dialética da busca pela essência do ser humano na abertura da sua existência. Dentre os temas mais recorrentes em seus poemas, tais como a idílica Lavras da Mangabeira, a religiosidade latente, o universo marítimo, a saudade dos entes queridos já falecidos e outros de considerável relevo, a figura da mulher amada é indubitavelmente um dos motivos condutores de seu fazer poético.

A partir do desejo pela mulher amada, surge nos poemas lírico-amorosos a construção de uma ambiência semântica de conotação erótica,

que se mescla a outros temas de igual magnitude, demonstrando a busca empreendida pelo poeta em preencher os vazios existenciais por meio dos impulsos sexuais, e assim conformar sua subjetividade. É desse modo que a mulher amada assume valor ontológico, pelo desejo suscitado no eu lírico, uma vez que o erotismo promove um “desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão” (BATAILLE, 1987, p. 21), e assim sendo, tal desejo passa a servir de veículo para a perscrutação da essência do ser.

A análise aqui realizada da criação poética de Linhares Filho, dos motivos condutores do seu fazer artístico e de como suas manifestações ideológicas se apresentam nos poemas visa compreender as implicações existenciais e ontológicas da criação artística da figura da mulher amada, com toda sua carga emotiva, aliando essa visão à consciência estética do poeta e à maestria com que ele elabora seu universo poético.

### **A figura feminina como motivo condutor**

Desde a publicação de *Sumos do tempo* (1968), seu primeiro livro de poesia, que Linhares Filho demonstra em muitos de seus poemas o amor vertido à mulher amada, que se apresenta como *Leitmotif* do seu fazer literário. Apresentando seus desejos e pensamentos sobre essa figura dentro de uma consciência estética impecável, o poeta evoca o seu instinto carnal, demonstrando intimidade em relação ao corpo da companheira e seu interesse pela relação amorosa e sexual.

Não seria necessário realizar uma biografia sentimental para entender que eu lírico e poeta se intercalam, sendo difícil distinguir um do outro. Assim, a musa inspiradora de seus poemas amorosos poderia ser entendida como sendo a sua própria esposa, com quem o poeta é casado há mais de cinco décadas, figura esta de grande relevância em todo o seu percurso poético, representando o ser-amado e possibilitando que o eu lírico de seus poemas dê vazão aos sentimentos mais íntimos.

A expressão do amor erótico em forma poética, dos desejos lascivos nele suscitados, demonstra a naturalidade desse estado de ânimo, o qual

também não perde sua característica de sentimento sublime. A beleza do desejo sexual é cantada pelo poeta, que o eleva a ponto de dar-lhe conotação de valor praticamente ontológico, por ser uma dimensão fundamental e natural do ser humano, já que a libido se trata na verdade de um dos matizes do amor. Linhares Filho aborda essa temática com naturalidade, como evidenciado pelas suas próprias palavras contidas no livro *O amor e outros aspectos em Drummond* (2002), quando ao falar sobre o amor, afirma que “esse sentimento pode ser considerado a mola do mundo, e todo poeta que se preza decerto lhe paga tributo” (LINHARES FILHO, 2002, p. 29).

Em um mundo em que os laços humanos (e dentre eles, os amorosos) encontram-se fragilizados em virtude de nossa furiosa individualização (BAUMAN, 2003, p. 10), o amor para Linhares Filho difere das manifestações desse sentimento encontradas na líquida vida moderna, demonstrando o seu carinho pela amada e o intuito em ver eternizada a instituição matrimonial. É o que se depreende dos primeiros versos de “Poema do Ser da Amada”:

Foste a terra descoberta sem intenção  
e hoje és menos terra do que bergantim.  
Bergantim e ânfora és tu, Amada.  
Provisionado e isento de naufrágio,  
contigo empreendo a longa viagem  
à cata de estrelas.  
(LINHARES FILHO, 1998, p. 61)

O poema inicia-se com uma alusão às viagens marítimas, unindo a ideia de conquista territorial à de conquista da sua esposa. Mesmo sendo “descoberta sem intenção”, ou melhor, tendo a atração de ambos se dado pelo acaso, o poeta deixa evidente a importância da amada em sua vida, tanto pela grafia do A maiúsculo, substantivando o adjetivo e dando relevância ao ser ali expresso, quanto pelas metáforas utilizadas: “bergantim” e “ânfora”. Aqui, Linhares Filho constrói uma imagem do que sua companheira representa para si: ela seria como um “bergantim”, ou melhor, uma embarcação, ao mesmo tempo em que também seria “ânfora”, quer dizer,

vaso. Dessa ideia presente no poema pode-se inferir que, enquanto bergantim, ela seria capaz de conduzi-lo pelas turbulências e intempéries do mar da vida, e enquanto ânfora teria em sua constituição o poder de armazenar, que nessa situação específica seria provavelmente uma vida, em alusão à maternidade.

Para ele, a amada é hoje “menos terra do que bergantim”, quer dizer, ela se tornou mais que uma conquista: tornou-se o símbolo de aventura e de companheirismo. Diversamente do que se observa nas relações conjugais modernas, em que os casais resolvem “manter-se distanciados e não esperar [...] que os compromissos assumidos durem para sempre” (BAUMAN, 2003, p. 56), Linhares Filho atesta que é com sua escolhida que ele empreenderá “a longa viagem”, ou melhor, com quem ele viverá por toda a vida.

Nessa referência à embarcação, o poeta também expõe um dos motivos condutores mais fortes de sua produção lírica: a temática marítima, presente em praticamente todas as suas obras e que perpassa, de modo latente, inúmeros poemas, entrelaçando ambas as ideias e criando construções magníficas e inusitadas, como no poema “Amor e mar”:

Sob teu olhar, farol que me ilumina,  
estou sempre a sonhar, sempre a partir.  
Anseios anunciam farta mina  
de inédito prazer entre o ir e o vir.  
(LINHARES FILHO, 1998, p. 417)

Seguindo o pensamento do crítico literário Alfredo Bosi, para quem: “na obra de arte, junto com a irrupção do sujeito, há a mediação da palavra ou da figura, dotadas muitas vezes de ambiguidades, e só inteligíveis no interior da rede semântica inteira” (BOSI, 2000, p. 52), compreendemos que o olhar tem que ir além do poema em si. Identificamos que o poeta faz uso da metáfora do mar para se referir à sua amada, unindo a ambiência semântica de um elemento apresentado ao desejo sentido frente à figura feminina, presente no poema; o olhar da sua musa inspiradora é como um farol, guiando-o na direção correta, dá-lhe a certeza da acolhida em

um porto seguro, permitindo-lhe dessa forma partir sem recear o regresso, uma vez que, como um farol, ela estará ali, à sua espera.

Compreendendo que o desejo é a própria essência do homem enquanto se esforça por perseverar no seu ser (NUNES FILHO, 1994, p. 23), vemos que Linhares Filho, ao lidar com o desejo, apresenta-o racionalmente, trazendo à tona os mais recônditos estados da alma e construindo a figura da amada por meio de uma projeção que é tanto emocional quanto elaboração simbólica carregada de alegoria, de modo que por meio do desejo carnal ele analisa a sua própria essência.

Dá pra se observar na genialidade artística do poeta, que vai além dessa relação entre os elementos, o aprofundamento do veio imaginário ocorrido por meio de associações plásticas, confundindo o leitor com as relações que passa a estabelecer dentro dos versos: por se referir à partida, subentende-se o regresso, que é dado pelos antônimos “o ir e o vir”; só que nesse movimento está anunciado o “inérito prazer”, que aqui vai remeter também ao movimento do ato sexual idealizado pelo eu lírico. É assim que a natureza das ações de ir e vir demonstra o dinamismo presente na figura da mulher amada, cujo movimento transcende suas denotativas partidas e regressos, compreendendo não somente o movimento marítimo (retomando aí esse *Leitmotif*), mas também o ato sexual empreendido pelo casal.

Ainda relativo ao trecho selecionado do poema “Amor e mar”, outra inferência nesse contexto poderia ser estabelecida pela preposição “entre”, que é capaz de assumir o sentido da travessia por ele realizada do ir ao vir. Assim sendo, o prazer estaria no próprio anseio em regressar para a amada, parafraseando talvez Guimarães Rosa, para quem “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 86). Desse modo, o poeta se encontraria no meio da existência; ele se observa como *Dasein*, em abertura para o mundo, cuja característica é ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2004, p. 144), refletindo assim sobre o amor vertido pela amada e sobre o prazer de estar vivenciando uma relação conjugal.

Em vários momentos, Linhares Filho constrói estruturas carregadas de erotismo, representando a mulher amada de forma espontânea, sem

perder, contudo, a correspondência com um projeto de vida pautado no amor e no respeito à sua parceira. É o que ocorre em “Bucólica do reencontro”, em que o poeta deixa evidente a naturalidade da vida sexual do casal, com um discurso de teor pastoralista, no qual naturalidade e natureza se entrelaçam e refletem a idealização de uma vida repleta de felicidade, como evidenciado na última estrofe:

Enternece-me o teu triste semblante,  
e trago novos ímpetos para embalar o teu sexo.  
Cheiro silvestre tens na boca  
e o outono na nádega.  
Vendo dos animais o cio, vendo o choro  
de orvalho, chuvas, resinas,  
e das folhas o inquieto balouçar,  
teremos gestos simples  
como os nossos bichos e as nossas árvores.  
(LINHARES FILHO, 1998, p. 170)

O poema tem claramente cunho erótico, evocando o desejo sexual e combinando-o com elementos da natureza para realçar a naturalidade do ato sexual. Associando natureza e a mulher amada, esta teria “cheiro silvestre” na boca “e o outono na nádega”. Entendendo que “cheiro silvestre” corresponde a odores agradáveis, como o é o cheiro das flores, e que o outono é a estação da colheita, podemos inferir aqui que, para o eu lírico, a boca de sua amada exala naturalmente um perfume a ele prazeroso e que o seu corpo (dado por uma visão metonímica, advinda do termo “nádega”, com toda a conotação sensual daí advinda) estaria preparado para o sexo.

Nesse poema, a íntima relação do eu lírico com a natureza passa a ser uma espécie de retomada da inocência perdida do homem primitivo, sem medo e sem culpa. Procurando naturalizar seu instinto sexual, o poeta minimiza o caráter erótico dos seus versos, dando-lhes um ar de simplicidade como ocorre na relação dos “bichos” e das “árvores”.

Mas mesmo aproximando as relações dos seres da fauna e da flora à relação sexual-amorosa do casal, nota-se que o poeta busca sentido para sua relação ao tomar consciência sobre o mundo circundante e sobre as

formas de amar dos demais seres vivos; e é este ato que fundamenta seu amor, pois “os fundamentos do ser humano estão no estado de consciência, um estado de alerta, uma preocupação com o estar-no-mundo” (MARTINS; BICUDO, 1983, p. 34).

É assim que a relação aí descrita parece adquirir o caráter de rito, revestindo-se de erotismo e, paradoxalmente, distanciando-se da sexualidade animal comparada. Para Octavio Paz, “O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora.” (PAZ, 1994, p. 12). Desse modo, ao elaborar conscientemente o poema, Linhares Filho deixa entrever todo o erotismo idealizado em sua visão, fazendo do sexo uma metáfora para todo o desejo, para todo o querer, poetizando o ato sexual e conseqüentemente a sua própria existência.

De uma poesia empenhada no ontológico, pensar na laicidade do sexo é também um modo de entender a própria condição de existir do ser humano. Na visão de Georges Bataille, “O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. *O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão.*” (BATAILLE, 1987, p. 20). É desse modo que o poeta encontra no sexo algo além do seu princípio erótico, elevando tal ato a um patamar essencialista da existência humana. A sua análise ontológica é o que proporciona temáticas em que o homem e a mulher projetam sentimentos que oscilam entre a franca confissão de seus impulsos sexuais e o ato sexual como uma prática de entendimento acerca do indivíduo enquanto *Dasein*.

### **Erotismo, religiosidade e a consciência do ser**

Linhares Filho parece não duvidar daquilo que sente; seus poemas manifestam o caminho que ele escolheu seguir por meio de uma certeza sóbria da disposição para o amor, sem medo e sem angústia, em um pleno equilíbrio entre paixão e razão. Para ele, é “Inútil pensar no sexo reprimido/ ou no beijo não-tido” (LINHARES FILHO, 1998, p. 150), evocando aí

a necessidade de se viver o momento, de desfrutar dos prazeres libidinosos, uma vez que aí reside a utilidade do nosso desejo sexual.

De fato, o vocábulo “amor” carrega em si uma carga verdadeiramente erótica. A análise do termo grego *philia* revela esse entendimento, pois “*Philia* é um substantivo abstrato derivado do verbo *to philein*, que significa ‘amar’ ou ‘estimar’ de um modo geral” e “‘amante’ e ‘amado’ têm conotações eróticas e tendem a referir estritamente a sujeitos e objetos do amor do tipo erótico” (WHITING, 2009, p. 254).

Embora alguns de seus poemas tenham claramente esse cunho erótico, as imagens apresentadas nunca chegam a ser agressivas; na verdade, há sempre um valor sentimental de grandiosa beleza, especialmente porque o poeta deixa entrever o caráter confessional em seus versos, que passam ao leitor a ideia de que as raízes de sua poética amorosa estão fincadas nas vivências ao lado da esposa. É dessa forma que a exposição de figuras eróticas, na verdade, supera o erotismo da carne para desembocar num modo de expressão interior, o qual sublima os instintos sexuais e moraliza, de certo modo, o sexo. O erotismo observado, portanto, torna-se mais que um desejo carnal: é a forma encontrada pelo poeta de representar o prazer de amar sua companheira na intimidade da vida conjugal.

A construção simbólica, longe da vulgaridade, reveste-se de uma pureza ontológica que nos convida a pensar sobre o ato sexual como ação constituinte do desejo e da subjetividade humanas. É o que se evidencia no poema “Doação dos Corpos”, aqui transcrito na íntegra:

Nas tuas ancas habitam  
as vésperas do retorno.  
Meu timão espera estios  
para vogar no teu corpo.

No teu brando olhar habita  
o roteiro dos meus passos.  
Quando me inunda o teu cio,  
navego-te em meus abraços.

Habita nos nossos corpos,  
em tantos frêmitos unidos,  
a ressurreição dos mortos.

Habitam a mão de Deus  
os nossos gestos cumpridos,  
que já não são meus nem teus.  
(LINHARES FILHO, 1998, p. 258)

O poema é construído em torno de uma ambiência semântica erótica, contento palavras como “ancas”, fazendo referência à região do corpo feminino que compreende as partes íntimas, “cio”, que diz respeito ao período de maior apetite sexual nas fêmeas dos mamíferos e “frêmitos unidos”, numa alusão ao ato sexual. Também encontramos algumas figuras de linguagem que remetem ao sexo, como é o caso do vocábulo “timão”, que significa peça longa ou lança, e que nesse contexto liga-se semanticamente ao falo do eu lírico; assim como “estios”, períodos secos, que no caso em questão faz referência ao período propício ao sexo, em que não ocorre o fluxo menstrual. Adotando esse entendimento, podemos afirmar que o eu lírico “espera estios/ para vogar no teu corpo”, quer dizer, espera cessar a menstruação da amada para poder manter relações sexuais com ela.

O entendimento de “estios” como período propício ao sexo também demonstra uma intertextualidade bíblica, pois tal ideia é provavelmente oriunda de passagens do livro de Levítico, que orienta a não consumação do sexo no período menstrual, sob pena de o homem ficar impuro (Levítico, 15:24). De fato, “o líquido menstrual tem mais o sentido da atividade sexual e da impureza que dele emana” (BATAILLE, 1987, p. 36), funcionando como um interdito associado à sexualidade, isto é, opondo-se “*em nós à liberdade animal da vida sexual*” (Ibidem, p. 33). É aqui que vemos a seriedade com que o poeta trata suas experiências sentimentais, encarando o desafio de lidar com os próprios instintos, ao mesmo tempo em que se vê cercado por elementos culturais que refreiam sua sexualidade.

O caráter religioso contido no poema é identificado não apenas pela alusão ao entendimento bíblico do livro supracitado, mas também por citar a apocalíptica “ressurreição dos mortos” e por trazer a figura da “mão de Deus” sob o ato sexual do casal, como uma bênção. Linhares Filho é um homem assaz religioso; nascido no sertão, lugar onde a religiosidade impera e influencia na vida dos seus habitantes, a presença do sagrado é tema recorrente em seu fazer poético e em sua vida particular. Mesmo se referindo ao sexo de modo carnal, há em muitos de seus poemas amorosos uma sinergia entre o desejo pela mulher amada e o universo religioso, espiritualizando a voluptuosidade apresentada.

Bauman, lembrando as ideias de Freud acerca da sublimação dos instintos sexuais para moralizar o sexo, afirma que “o impulso sexual é então redirecionado por meio de dutos socialmente construídos para alvos resultantes do mesmo processo” (BAUMAN, 2004, p. 55). Isso demonstraria o artifício do poeta para tornar tolerável a exposição de imagens libidinosas, pois ao trazer o universo religioso ao poema, ele cria a via legítima para a consagração do referido ato.

Confundindo o sagrado com o erótico, o poeta faz com que o desejo pela mulher amada seja posto como uma qualidade sublime, pois, para o universo religioso, o mundo terreno é subordinado ao mundo divino; nossa realidade é uma espécie de “réplica de uma realidade existente em um mundo sagrado mais eficaz e duradouro que no nosso” (ARMSTRONG, 2011, p. 24), e assim sendo, ter a bênção divina para a consumação do ato sexual seria um modo de enaltecer o sexo.

Mas a religião também é uma forma erótica de encarar a vida. Para Nunes Filho, a religião é “a proposta de uma relação erótica que o homem faz ao transcendente, ao mundo e aos demais seres humanos” (NUNES FILHO, 1994, p. 54), uma vez que sua experiência, similar à união conjugal, tende a romper com nossa descontinuidade individual, dando-nos o sentimento de plenitude. Dessa forma, mesmo fazendo interagir a temática religiosa, o poema não perde sua dimensão erótica, de busca pelo êxtase, pela completude dos seres ali envolvidos.

De acordo com a teoria de Bataille, há três tipos de erotismo: o dos corpos, o dos corações e o sagrado (BATAILLE, 1987, p. 13), dos quais o menos familiar é o erotismo sagrado, mas cujo sentido é o de busca pela continuidade do ser além do mundo imediato; “o erotismo sagrado confunde-se com a busca, exatamente o *amor* de Deus” (Ibidem, p. 13). É desse modo que a terceira estrofe de “Doação dos Corpos” chega a apresentar a ideia de “ressurreição dos mortos” ligada à relação sexual do casal, como se na consumação do ato houvesse o cumprimento da promessa divina de vida eterna ou ao menos o seu prelúdio. Também os poéticos “gestos cumpridos” do penúltimo verso (referência ao ato sexual), os quais “já não são meus nem teus”, é como se fizessem parte de algo maior, de um projeto místico que cabe a eles cumprir, revestindo assim a libido de uma aura sagrada.

É desse modo que, na poesia de Linhares Filho, o desejo pela mulher amada passa a ter dimensão ontológica, uma vez que o poeta concebe a essência de seu ser no modo básico de amar sua companheira: desejando-a ardentemente. E é inegável a existência havida nos poemas de um parentesco entre a relação sexual e a plenitude da vida eterna: sua amada personifica as bênçãos e dádivas divinas. Em dado momento ela é a “mulher seiva,/ fêmea disponível, Terra Prometida” (LINHARES FILHO, 1998, p. 170), ou seja, tal qual a terra em que abundaria leite e mel fora prometida ao povo eleito, sua esposa se apresentava para ele como o presente divino a que agora ele tinha direito. Em outras ocasiões, a companhia da amada assimila-se ao esplendor da alma em comunhão com o Criador: “És o lenitivo para o bocejo ante a passagem das horas/ e a antecipação da eternidade que buscamos” (Ibidem, p. 61). Em certos poemas ainda, a amada personifica o próprio amor divino, como na última estrofe de “Reencontro”: “Reencontrando-me, autêntico misturo/ Poesia e Amada num grandioso abraço,/ imagens do infinito amor de Deus” (Ibidem, p. 515).

## Considerações finais

A disposição para o erotismo na poesia de Linhares Filho é um apelo à busca por atingir a essência do homem; o poeta está comprometido com a busca pela verdade do ser, encontrando sua essência num dos mais

básicos sentimentos: o amor, analisado no cotidiano de sua vida, garantindo o experienciar sobre a verdade do seu próprio ser. Entendendo que a essência do homem reside em sua existência (HEIDEGGER, 2004, p. 42), chegamos à compreensão de que a vivência do amor erótico é um dos destinos do ser, uma vez que o poeta lida com a liberdade dos corpos no intuito de atingir sua própria essência. Assim como o ser humano se constitui tanto pelas experiências que realiza quanto por tudo aquilo que firma a sua substância, a experiência do amor erótico seria essencial, pela capacidade de descobrir a própria substância do ser em questão.

A busca pela completude do ser na poesia de Linhares Filho é possível pela mediação da sexualidade, já que “toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser” (BATAILLE, 1987, p. 14), e nesse jogo, “a ação decisiva é o desnudamento. A nudez se opõe ao estado fechado, isto é, ao estado de existência descontínua” (Ibidem, p. 14). Referir-se ao ato sexual, ao desnudamento dos corpos, é um modo de superar a individualidade descontínua do seu ser, dando abertura para que o eu lírico possa ir além do seu *Dasein*, procurando na convivência conjugal um sentido para sua existência.

É por isso que a relação amorosa entre os indivíduos aparece nos poemas como uma condição ontológica do ser; não está presa aos conflitos existenciais que analisam tal sentimento como pecado. Antes disso, o poeta compreende a condição humana, desvestindo-se de todo e qualquer moralismo, dando em símbolo poético a figura da mulher amada, disponível ao sexo. Num mundo em que o amor já não impera, ou seja, tornou-se líquido, o desejo de Linhares Filho pela amada representa uma quebra de paradigmas e volta à essência do ser, na busca de completude, de preencher permanentemente suas lacunas existenciais, trazendo assim a sobriedade de um indivíduo que aceita o amor como significação de seu mundo.

## Referências

ARMSTRONG, Karen. **Em defesa de Deus**: o que a religião realmente significa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 2ª ed. Trad.: Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**, Partes I e II. 13ª ed. Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2004.

LINHARES FILHOS, José. **Itinerário**: trinta anos de poesia, 1968-1998. São Paulo: Scortecci, 1998.

\_\_\_\_\_. **O amor e outros aspectos em Drummond**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

NUNES FILHO, Nabor. **Eroticamente humano**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Trad.: Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

WHITING, Jennifer. A concepção nicomaqueia de philia. In: KRAUT, Richard (org.). **Aristóteles**: a ética a Nicômaco. Trad.: Alfredo Storck. Porto Alegre: Artmed, 2009.